



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA
DAYANA FERNANDES DA CRUZ RODRIGUES LACET

**A CRIATIVIDADE NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: REGISTRO DE UMA EXPERIÊNCIA NO PROJETO PET/CONEXÕES
DE SABERES**

João Pessoa
2018

DAYANA FERNANDES DA CRUZ RODRIGUES LACET

**A CRIATIVIDADE NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: REGISTRO DE UMA EXPERIÊNCIA NO PROJETO PET/CONEXÕES
DE SABERES**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia da Universidade Federal da Paraíba como requisito obrigatório para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.
Orientadora: Prof^ª Dr^ª Suelídia Maria Calaça

João Pessoa

2018

L131c Lacet, Dayana Fernandes da Cruz Rodrigues.

A criatividade no ensino-aprendizagem da educação de jovens e adultos: registro de uma experiência no projeto PET/conexões de saberes / Dayana Fernandes da Cruz Rodrigues Lacet. – João Pessoa, 2018.

41 f.

Orientação: Suelídia Maria Calaça

Monografia (Graduação) – UFPB/CE

1. Planejamento. Criatividade. EJA. I. Calaça, Suelídia Maria. II. Título.

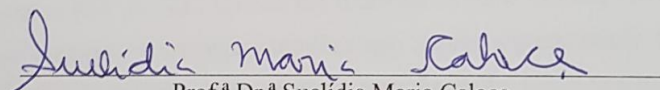
UFPB/BC

DAYANA FERNANDES DA CRUZ RODRIGUES LACET

A CRIATIVIDADE NO ENSINO-APRENDIZAGEM DA EDUCAÇÃO DE JOVENS E
ADULTOS: REGISTRO DE UMA EXPERIÊNCIA NO PROJETO PET/CONEXÕES DE
SABERES

Aprovado em: 05 / 11 / 2018

BANCA EXAMINADORA



Prof.^a Dr.^a Suelidia Maria Calaça
Universidade Federal da Paraíba
(Orientadora)

Prof.^a Dr.^a Maria da Conceição Gomes de Miranda
Universidade Federal da Paraíba
(Membro da Banca Examinadora)

Prof. Ms. José Cleudo Gomes
Faculdade Internacional da Paraíba
(Membro da Banca Examinadora)

AGRADECIMENTOS

Agradeço com toda minha verdade existente:

Às três pessoas primordiais, que me amaram infinitamente a cada segundo da minha vida, que fizeram e fazem o melhor possível mesmo que distantes em todos os aspectos, minha mãe Denize Fernandes, Minha Avó Maria Aparecida e Meu Avô Pedro Batista (in memoriam).

Ao meu amor Gabriel Marrocos, companheiro de uma vida e talvez das próximas, não sei. Agradeço o cafuné que ganho todos os dias, dele que é sempre tão calmo, sereno e paciente, responsável por me conduzir nas curvas dessa vida, aquecendo tudo que eu agora consigo ser.

Àquele que sou unida não por laço de sangue, mas que me acolheu como uma filha para estar comigo nessa trajetória, meu sogro João Magalhães. Por me permitir conhecer o cuidado e amor de um pai depois de adulta.

Aos que escolhi e fui escolhida para conviver, trocar carinhos e sobretudo aprender: minha família, minhas amigas e amigos: Laisa Pereira, Rafael Magalhães, Zilda Sartori, Janiclecia Coelho, Clemilda Costa, Lívia Falcão, Rosângela Queiroz, Vanessa Fernandes, Suelen Thais, Suenia Santana.

Aos Mestres de papel que foram imensuráveis na minha formação docente, Maria Lúcia Nunes, Carmen Sevilla Gonçalves dos Santos, Elzanir dos Santos, Idelsuite de Sousa Lima, Vinicius Varella, Luiz Gonzaga, Charliton Machado, José Vaz.

A todos e todas que dividiram comigo experiências enriquecedoras através do Programa de Educação Tutorial (PET)/Conexões de Saberes no projeto “Acesso e Permanência de Jovens de Origem Popular à Universidade: Diálogos Universidade – Comunidade”, onde fui bolsista durante três anos e experienciei uma das práticas de alfabetização mais significativas, da qual se originou o objeto de estudo deste Trabalho de Conclusão de Curso, em especial à Prof.^a Dr.^a Tutora e Orientadora Suelídia Maria Calaça por me acolher e esclarecer o meu potencial, às minhas amigas, parceiras de curso e também PETianas Tays de Sousa e Erica Lira.

Aos que dividiram o espaço democrático da Universidade Federal da Paraíba na turma Pedagogia 2014.2, levantando discussões engrandecedoras e sendo muita das vezes os ombros

que eu precisava: minhas colegas de sala. Em especial: Thaynara Kelly, Eliane Magali, Joi Branco, Fabiana Figueiredo, Aline Lima, Edgina Magally, Thaynara Tássia e Renata.

Enfim, a todos e todas que estiveram conectados comigo independente do tempo, lugar e circunstâncias.

...tu, menina, é a exceção da regra... é filha do impossível... é o cristal que não quebra... até o avesso da tua alma é força...

Victor H. Machado

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso surgiu do interesse pela Educação de Jovens e Adultos (EJA) e foi estimulado pela preocupação vivenciada nas turmas de alfabetização dentro de uma escola pública, a partir das experiências obtidas no Programa de Educação Tutorial (PET)/Conexões de Saberes, ao perceber que alguns alunos apresentavam uma grande dificuldade de leitura, escrita e diálogo. Assim, o presente trabalho teve como objetivo principal compreender a importância da criatividade no planejamento das aulas de Educação de Jovens e Adultos - EJA, atribuindo a perspectiva da educação popular como alternativa para a sala de aula a partir das experiências (reflexão) do PET/Conexões de Saberes no projeto “Acesso e Permanência de Jovens de Origem Popular à Universidade: Diálogos Universidade–Comunidade”. Buscando atingir o objetivo geral, tivemos como objetivos específicos: discutir o conceito de Criatividade para perceber sua importância na Educação de Jovens e Adultos, dialogar sobre a educação popular e suas alternativas para a EJA, refletir sobre as experiências no Projeto PET/Conexões de Saberes, identificando a Educação Popular como alternativa viável na Educação de Jovens e Adultos. O estudo se deu por meio de uma pesquisa bibliográfica, o que nos permitiu aprofundar a discussão a respeito da temática, possibilitando a compreensão da natureza desse trabalho docente e seu desenvolvimento na modalidade de educação de jovens e adultos. Para tanto, apresentamos as perspectivas de Estrada (1992), Rosas (2008), Kneller (1978), Nicolau (1994), Almeida (2004) Severo (2016) e Freire (2014), entre outros, e um relato de experiência vivenciado no projeto de alfabetização que foi realizado em uma escola da rede municipal de ensino na educação de jovens e adultos pelo programa de educação tutorial Pet/Conexões De Saberes.

Palavras-chave: Planejamento. Criatividade. Educação de Jovens e Adultos.

ABSTRACT

This undergraduate thesis emerged from the interest of youth and adult education (EJA) and it was stimulated by the experiences lived in a classroom of a public school, through the program Programa de Educação Tutorial (PET)/Conexões de Saberes, noticing that some students had serious problems regarding their reading, writing and dialogue. Therefore, the main objective of the present work was to understand the importance of creativity in planning classes for young and adult education (EJA), assigning the perspective of popular education as an alternative to the classroom based on experiences (reflection) of the program Programa de Educação Tutorial (PET)/Conexões de Saberes in the project "Acesso e Permanência de Jovens de Origem Popular à Universidade: Diálogos Universidade–Comunidade". In order to achieve the general objective, we had specific objectives: discuss the concept of Creativity in order to understand its importance in the education of young and adults, to talk about popular education and its alternatives to the EJA, to reflect on the experiences in the project Programa de Educação Tutorial (PET)/Conexões de Saberes, identifying the popular education as a viable alternative in the education of young and adults. The study was carried out through a bibliographical research, which allowed us to deepen the discussion about the subject, making possible the understanding of the nature of this teaching work and its development in the modality of youth and adult education. We presented the perspectives of Estrada (1992), Rosas (2008), Kneller (1978), Nicolau (1994), Almeida (2004) Severo (2016) and Freire (2014), among others, and an experience report in the literacy project that was carried out in a municipal school regarding the education of youths and adults by the project Programa de Educação Tutorial (PET)/Conexões de Saberes.

Keywords: Planning. Creativity. Youth and Adult Education.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 UM CONCEITO DE CRIATIVIDADE SOB A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO .	11
3 COMPREENDENDO O PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....	18
3.1 PLANEJAMENTO NO ENSINO E O PORQUÊ PLANEJAR?.....	19
3.2 O QUE E PARA QUEM PLANEJAR COM CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS?	22
4 REGISTRO DE UMA EXPERIÊNCIA NO PROJETO PET/CONEXÕES DE SABERES	25
4.1 A PROPOSTA DE ALFABETIZAÇÃO E SUA ELABORAÇÃO.....	25
4.2 PRÁTICA LIBERTADORA.....	27
4.2.1 Filme “O aluno”	29
4.2.2 História de vida dos educandos.....	31
4.2.3 Gênero textual: receitas culinárias e os diferentes tipos de listas	32
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	37
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho surgiu a partir da articulação dos meus passos enquanto estudante de origem popular e bolsista do Programa de Educação Tutorial (PET)/Conexões de Saberes e conseqüentemente do meu interesse pela modalidade de ensino Educação de Jovens e Adultos (EJA) que foi estimulado pela experiência vivenciada a partir do Projeto de Alfabetização realizado no ano de 2017 também pelo PET/Conexões de Saberes, sob o contexto da criatividade existente no ensino-aprendizagem da EJA e tem, como objetivo geral, compreender a importância da criatividade no planejamento das aulas da Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Ao experienciar momentos significativos na EJA durante o PET/Conexões de Saberes, compreendemos a responsabilidade envolvida em desenvolver aulas que compreendessem as especificidades dos educandos e que fossem capazes de propiciar momentos significativos para estes.

Além disso, os escritos de Paulo Freire existiam em nossas mentes de uma maneira singular, motivando a nossa prática educativa no sentido de transformação dos sujeitos por meio do fazer pedagógico, pois sabendo que educar é um desafio constante, planejar de maneira criativa de forma a proporcionar atividades significativas para os educandos da EJA também seria.

Portanto, como contemplar as diferentes áreas do conhecimento em uma turma que apresentava uma heterogeneidade, não só nas idades, mas também, nas diferentes culturas, vivências, experiências profissionais, saberes, ritmos de aprendizagem e modos de pensamentos variados?

A prática de alfabetização realizada por meio do PET/Conexões de Saberes, por ser uma atividade de ensino com caráter de iniciação à docência, marcou nossas experiências, por ser uma modalidade de ensino tão peculiar, significativa e libertadora.

Assim, no segundo capítulo, buscamos compreender a importância da criatividade e qual a sua perspectiva na educação e para conceituar conosco, apresentamos as perspectivas de Estrada (1992), Rosas (2008), Kneller (1978), Nicolau (1994), Almeida (2004) Severo (2016) e Freire (2014).

No terceiro capítulo partimos da perspectiva de um planejamento pedagógico capaz de acolher de maneira criativa os saberes destes educandos, em diálogo com os saberes escolares, para orientá-los na direção de potencializar os conhecimentos adquiridos, tanto na escola quanto

nas experiências de vida, que são diversificadas e igualmente importantes.

Embora a Educação de Jovens e Adultos atenda a uma especificidade etária, é uma questão de particularidade cultural que caracteriza seus sujeitos. Oliveira (1999, p. 59-60) delimita esses sujeitos como pertencentes a um determinado grupo:

[...] não é o estudante universitário, o profissional qualificado que frequenta cursos de formação continuada ou de especialização, ou a pessoa adulta interessada em aperfeiçoar seus conhecimentos em áreas como artes, línguas estrangeiras ou música, por exemplo. Ele é geralmente o migrante que chega às grandes metrópoles provenientes de áreas rurais empobrecidas, filho de trabalhadores rurais não qualificados e com baixo nível de instrução escolar (muito frequentemente analfabetos), ele próprio com uma passagem curta e não sistemática pela escola e trabalhando em ocupações urbanas não qualificadas, após experiências no trabalho rural na infância e na adolescência, que busca a escola tardiamente para alfabetizar-se ou cursar algumas séries do ensino supletivo. E o jovem, incorporado ao território da antiga educação de adultos relativamente há pouco tempo, não é aquele com uma história de escolaridade regular, o vestibulando ou o aluno de cursos extracurriculares em busca de enriquecimento pessoal. Não é também o adolescente no sentido naturalizado de pertinência a uma etapa bio-psicológica da vida. Como o adulto anteriormente descrito, ele é também um excluído da escola, porém geralmente incorporado aos cursos supletivos em fases mais adiantadas da escolaridade, com maiores chances, portanto, de concluir o ensino fundamental ou mesmo o ensino médio. É bem mais ligado ao mundo urbano, envolvido em atividades de trabalho e lazer relacionadas com a sociedade letrada, escolarizada e urbana.

No quarto capítulo buscamos compreender a criticidade e criatividade existente na Educação de Jovens e Adultos no processo de transformação e compreensão do conhecimento que acontece constantemente em nossas salas de aula, seja na relação entre educando, seja na relação educador e educando.

Por fim, no quinto capítulo, trazemos os reflexos dessa prática de alfabetização em nossa formação acadêmica que nos permitiu compreender a importância de um planejamento criativo tanto na formação do educando quanto do educador.

2 UM CONCEITO DE CRIATIVIDADE SOB A PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO

O conceito de criatividade pode receber diversas definições a partir do ponto de vista de cada indivíduo e do contexto no qual ela é questionada, porém, quando nos permitimos refletir sobre a criatividade em nossa história de mundo e cotidiano é possível perceber o número de criações e invenções que são feitas a todo instante pelos seres humanos de todas as idades, classes sociais, diferentes níveis de escolaridades, etc.

A criatividade além de afetar tudo ao nosso redor, também afeta a nossa própria condição enquanto ser humano e nossos contextos culturais, aos quais estamos inseridos. Segundo a artista plástica Fayga Ostrower, em seu livro *Criatividade e Processos de Criação* (1987), “o vício de considerar que a criatividade existe apenas nas artes, deforma toda a realidade humana”. Ou seja, a criatividade não deve ser entendida de maneira que contemple apenas uma área específica do conhecimento, ela necessita ser entendida de maneira que considere todos os elementos do viver humano, pois criar e viver são indissociáveis. Nesse sentido, as palavras de Estrada (1992, p.17) são esclarecedoras:

Sem a criatividade, estaríamos nos primórdios da Idade da Pedra, vivendo na selva e comendo raízes. Tudo que existe no Cosmos pode ser dividido em dois grandes reinos: a natureza e a cultura. Tudo o que não é natural é artificial ou artefato, ou seja, fruto da ação transformadora do homem. Num dado momento, a roupa que vestimos o lápis que usamos para escrever, o livro que lemos o chão que nos sustenta e, provavelmente, até a luz da casa são obras do homem, testemunho, benefício e usufruto das capacidades criativas do homo faber.

Discutir sobre a criatividade no campo científico não é uma tarefa fácil, por pelo menos duas razões básicas: inicialmente pela palavra em si carregar uma variação de conceitos – tais como genialidade, dom, inventividade, intuição, descoberta e, em seguida, por ser um campo que transita por vários campos de pesquisas, o que a impossibilita ser definida apenas em um conceito específico. Para Kneller (1978), as definições sobre criatividade podem ser consideradas a partir de quatro pontos de vista: da pessoa (personalidade, valores, hábitos), da criação a partir dos processos mentais (cognitivos, pensamento e comunicação), das influências ambientais e culturais e, finalmente, em função dos seus produtos, como teorias, invenções, esculturas e poemas.

Ao considerar a criatividade sob a perspectiva científica da educação, é importante evidenciar que vivemos em um momento sem igual na história da humanidade, repleto de mudanças que vem acontecendo em um ritmo muito acelerado e repleto de grandes avanços

tecnológicos. Historicamente, a criatividade obteve várias interpretações, por muitas vezes estando ligada a questões culturais e históricas.

De acordo com De La Torre (2005, p. 57-64), a criatividade está envolvida em argumentações científicas e sendo entendida como capacidade humana que está relacionada a ‘direcionalidade e intencionalidade’, o ‘caráter transformador’, ‘a comunicação a originalidade ou novidade’, ‘o caráter ético’ e ‘caráter emocional’.

As eventualidades do dia a dia e as mudanças requeridas pela atualidade no decorrer dos anos, são o que impulsionam a maior produtividade das ações humanas e irão orientar as discussões acerca da dinamicidade do agir criativo originada da inovação e competitividade. Ou seja, é a partir dessa argumentação que a criatividade passa a ser considerada como um comportamento humano de uma ação criativa, afinal “[...] apenas o ser humano é capaz de criar” (ROSAS, 2008, p. 67).

A busca pelo conhecimento dessa área é marcada por transformações estruturais que ocasionaram mudanças significativas e, mesmo depois de ser reconhecida como uma perspectiva de ensino e aprendizagem primordial à condição humana, a criatividade não teve uma adesão necessária da educação de um modo geral.

Assim, surge a necessidade de desmistificar e discutir o uso da criatividade no campo da educação. Sobre a qual Nicolau defende (1994, p. 64) “[...] que o caminho mais profícuo ao pleno desenvolvimento da Criatividade, quer seja no plano individual ou coletivo, é o da perspectiva educacional”, pois a perpetuação da delimitação do campo da criatividade ainda perdura, dando ênfase apenas à área das artes cinematográficas, ao teatro e a pintura. Por essa razão, o interesse pelas capacidades inovadoras do homem vem crescendo, o que justifica o aumento das pesquisas sobre criatividade em diversas áreas, inclusive na educação.

Quando pensamos em criatividade na educação, logo nos inquietamos com alguns questionamentos que surgem: Seria possível ensinar alguém a ser criativo? O que ensinar de maneira criativa? Como estimular uma ação criativa? Criatividade é um privilégio apenas de pessoas que nasceram com esse dom ou seria uma condição humana? Serão essas pessoas gênios, superdotados ou apenas indivíduos criativos? É possível aprender a ser criativo?

Afinal, o que nos dizem esses estudos quando aproximamos a criatividade do campo da educação?

Tais inquietações surgem em momento oportuno e nos estimula a pensar fundamentos e princípios da criatividade sob a perspectiva da significância na educação. Pois, sabemos que a aprendizagem está presente no processo biológico do ser humano, ela é a parte desse processo

que diferencia o homem dos animais. Segundo Nicolau (1994, p. 42):

Uma cobra, por exemplo, segundo o geneticista Albert Jacquard, não permite ser adestrada, porque já vem com cerca de 98 por cento do que deve fazer inscrito nos gens. No cachorro e no golfinho essa herança genética de comportamento é de cerca de 80 por cento, havendo espaço para um adestramento. No ser humano, conclui o geneticista, esse percentual é de 50 por cento, ou seja, nós temos uma capacidade de aprendizagem muito grande para ser explorada e cuidada desde cedo.

É através da relação familiar, caracterizada pelo ambiente e meio em que estamos inseridos que passamos a desenvolver essa aprendizagem. Porém, é no ambiente escolar que deveríamos desenvolver a inteligência criativa. Consequentemente, quando questionamos quais metodologias deveríamos utilizar, quando pretendemos desenvolver o potencial criativo de um indivíduo, entendemos que não é possível ensinar a criatividade, mas sim podemos estimular algumas habilidades necessárias ao modo de pensar e agir de maneira criativa. Assim:

[...] é preciso colocar o professor e o seu trabalho no centro das atenções. Também é necessário se ter claro que isso só será prioridade se toda a sociedade acreditar que esse é o caminho para melhorar a qualidade de vida e para construir formas mais solidárias de relacionamento social (ALMEIDA, 2004, p. 167).

A escola necessita ser um espaço de valorização dessas habilidades educacionais que cada profissional da área possui, oportunizando o despertar dessas subjetividades que muitas vezes o profissional não reconhece tem. Segundo Signorini (2016):

A escola passou a ser considerada como um conjunto ativo que interfere no desenvolvimento da criatividade dos indivíduos. Isso motivou reflexões sobre as práticas educacionais e propostos programas de treinamento e estimulação da criatividade. Assim, o docente é elemento muito importante para simplificar o desenvolvimento do potencial criador dos alunos.

Sabemos que as práticas burocráticas e mecânicas, ainda são utilizadas em sala de aula, priorizando o acúmulo de informações e deixando de lado a capacidade criadora de cada indivíduo em questionar ideias e pré-conceitos. A forma como tal conteúdo é trabalhado pouco importa, afinal, comparecer na escola já é o suficiente, como Severo (2016, p. 12) aponta:

[...] deixamos nossa alma, nosso espírito para trás e nos dirigimos para a sala de aula levando apenas o corpo, com olhos sem brilho e passo de urubu cansado. E aí acontece aquilo que acontece e que todos conhecemos muito bem: o fantasma, também de uma aula. A sombra fantasmática de uma aula. A fumaça evanescente de uma aula.

O desenvolvimento da criatividade na educação perpassa a formação dos profissionais que nelas se encontram. É importante que os professores aptos a utilizar práticas criativas

estejam motivados, para que assim possam favorecer o desenvolvimento da criatividade dos alunos. Assim, a iniciativa de abordar a criatividade na educação vai bem além do ambiente escolar e do professor.

Montessori, Freinet e Paulo Freire experimentaram isso na prática e comprovaram que, quando os alunos estão motivados a descobrir, a aprenderem por si mesmos, se organizam no esforço desse aprendizado. As crianças menores de Montessori, os alunos das séries iniciais de Freinet, e até os adultos alfabetizados de Paulo Freire, não se dispersaram na indisciplina ou na desordem, quando estavam satisfazendo suas curiosidades (NICOLAU, 1994, p.133-134).

Com isso, é preciso que aconteça o estímulo dessas atividades e habilidades constantemente, seja nos anos iniciais, na EJA ou na universidade.

O desenvolvimento da criatividade na sala de aula pode ser pensado a partir do momento do planejamento de uma atividade pedagógica e dinâmica com objetivos que visam potencializar a criatividade dos educandos.

Ou seja, a partir da proposta do professor em realizar uma prática criativa. Para tal, é necessário que o profissional esteja disposto a se autoconhecer através da exploração de suas limitações e reconhecimento de suas potencialidades. Ou seja, abrir a mente para as diferenças, para as perspectivas dos outros e para aprender com os alunos com humildade de reconhecer que estamos em um processo de aprendizagem a todo instante. Como dizia Freire, em suas ideias para a educação:

Não é, porém, a esperança um cruzar de braços e esperar. Movo-me na esperança enquanto luto e, se luto com esperança, espero. Se o diálogo é o encontro dos homens para ser mais, não pode fazer-se na desesperança. Se os sujeitos do diálogo nada esperam do seu quefazer, já não pode haver diálogo. O seu encontro é vazio e estéril. É burocrático e fastidioso (FREIRE, 2014, p. 114).

Embora estejamos de acordo quanto ao conceito de criatividade no contexto escolar e em especial na ação do docente enquanto mediador dessa prática, entendemos que são diversos os desafios vivenciados no decorrer do fazer com que a criatividade esteja inserida nesse meio. E um desses desafios é a formação desses profissionais que pouco conhecem a respeito da criatividade nos ambientes de aprendizagem para que venham a estimular o desenvolvimento do potencial criador de cada educando.

Em diversas ocasiões já paramos para refletir sobre nossa prática e nos questionamos como seria interessante promover uma aula onde fossemos capazes de desenvolver as habilidades criativas e autonomia dos educandos de tal forma que houvesse uma ruptura na

concepção bancária¹ existente na educação. Paulo Freire (1986), em sua obra *Pedagogia da Autonomia*, ressalta a importância de uma reflexão sobre a prática educativa crítica em favor da autonomia do educando, questionando a função do educador autoritário e conservador que repudia o protagonismo dos educandos em sala de aula, a criatividade e curiosidades. Defende ainda que a teoria deve ser adequada à prática cotidiana do professor que passa a ser um modelo influenciador de seus educandos, ressaltando que na verdadeira formação docente devem estar presentes a prática da criticidade ao lado da valorização das emoções.

Ao optarmos por uma educação que busca contribuir com a emancipação dos sujeitos, logo entendemos a necessidade de estimular nos educandos a criatividade e criticidade. No entanto, ao refletimos sobre a prática escolar é possível reconhecer que é muito comum estarmos envolvidos em um processo de escolarização em que a criticidade, curiosidade e criatividade não é motivada, fortalecendo assim o silenciamento e a inibição do compartilhamento de saberes em sala de aula. Assim:

O educador democrático não pode negar-se do dever de sua prática docente reforçar a capacidade crítica dos educandos, sua curiosidade, sua insubmissão. Uma de suas tarefas primordiais é trabalhar com os educandos a rigorosidade metódica com que devem se aproximar dos objetos cognoscíveis. E esta rigorosidade metódica não tem nada a ver com o discurso bancário meramente transferidor do perfil do objeto ou conteúdo (FREIRE, 1996, p. 26).

Consequentemente, o educador precisa estar atento para com a especificidade dos educandos no processo de ensino-aprendizagem de sua prática educativa e impedir a transformação de sua experiência educativa em algo mecanicista. Além de construir relações recíprocas positivas, baseadas na conscientização política e cidadã.

Dessa forma, o educador não tem somente o dever de respeitar a subjetividade dos educandos, deve-se aproveitar da experiência destes e associar ao conteúdo dado com o contexto social ao qual estão inseridos através de uma ação pedagógica problematizadora, democrática e libertadora.

Segundo Freire (1996), quando buscamos “acertar” estamos aptos a entender as coisas através dos fatos que observamos e analisamos. Isso só se torna possível quando mantemos uma relação entre a teoria e a prática, pois “uma das condições necessárias a pensar certo é não estarmos demasiados certos de nossas certezas” (FREIRE, 1996, p. 30).

¹ A concepção bancária para Paulo Freire é uma crítica à educação que existe alicerçada nos princípios de dominação capitalista. O professor é treinado para transmitir conteúdos para o aluno e este deve memorizar ou copiar as informações sem questionar, o que o reduz a mero espectador sem a possibilidade da criticidade, participação e o diálogo (FREIRE, 2006, p. 33).

Ou seja, quando um educador pretende promover a criatividade e criticidade do educando pensando da maneira “certa”, necessariamente deve relacionar o contexto social desse educando com suas subjetividades, para que possa dar significado àquilo que estamos tentando estabelecer no processo de ensino-aprendizagem. Precisamos reconhecer que não é possível haver uma aprendizagem significativa sem estabelecermos um contato direto com o educando, pois é preciso estabelecer uma conexão entre os conhecimentos prévios deste e o conteúdo da EJA.

Assim, quando entendemos a necessidade tanto do educador quanto do educando em vivenciar experiências e práticas significativas, acreditamos que os mesmos possam desenvolver a reflexão crítica da realidade. Freire (1996), defende que para existir uma prática que compreende tais compromissos é necessário que o diálogo seja o pontapé inicial para a compreensão da criticidade e da criatividade na Educação de Jovens e Adultos.

Nesse sentido, o autor busca esclarecer que uma prática dialógica tem resultados significativos e que os seus benefícios buscam promover tanto uma nova proposta pedagógica tanto para o educando quanto para o educador. Como afirma Freire (2006, p. 39) defende: o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tornam sujeitos do processo em que crescem juntos [...].

Portanto, quando um educador tem interesse em estimular as habilidades dos seus educandos, sejam elas criativas ou apenas curiosidades deve-se desprender-se das técnicas de memorização e outras mecânicas. Além de desprender-se da arrogância do conhecimento e de verdades imutáveis, pois assim como nos processos históricos da evolução humana, o conhecimento pode ser transformado. Dessa forma, é possível compreender que o conhecimento que obtivemos hoje pode ser transformador e capaz de superar os conhecimentos históricos, que também podem ser superados por outras gerações.

Esse processo de transformação e superação do conhecimento acontece constantemente em nossas salas de aula, seja na relação entre educandos, seja na relação educador e educando. Pois isso é importante estimular a criticidade e criatividade dos educandos como forma de aprendizagem para que assim eles possam compreender que todos nós podemos aprender a todo instante.

Tais questões problematizadoras sustentadas pelas ideias pedagógicas de Freire (1996) favorecem ao educando desenvolver suas habilidades, além de desenvolver uma ligação entre o seu conhecimento e o conhecimento construído em sala de aula, dessa forma desempenhando

o seu papel “emancipatório e libertador”. Assim, a educação estará cumprindo a sua função social de ampliar o conhecimento de mundo desses educandos em conjunto com o educador. De acordo com Freire (1988), a leitura de mundo precede a leitura da palavra. Ou seja, a ação de aprender a ler e a escrever é, antes de tudo, aprender a ler e entender o mundo, compreender o contexto ao qual se está inserido não através da manipulação mecânica de palavras, mas por meio da relação criativa que estimula suas habilidades de linguagens com a realidade para enfim estar alfabetizado.

3 COMPREENDENDO O PLANEJAMENTO NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Neste capítulo, buscamos contribuir com uma breve visão histórica sobre o planejamento a partir de bases teóricas de Manata (2004), Loch (2009), Freire (1986) e Gandin (1995), que situa e contextualiza a evolução do planejamento na perspectiva de mudança das práticas hegemônicas para um planejamento criativo, participativo e essencial à atividade docente que busca aperfeiçoar sua prática na Educação de Jovens e Adultos.

O planejamento está presente na história da humanidade desde a necessidade básica de resistir às adversidades do dia a dia. Para Kenski (1995), no momento em que o homem buscou ter êxito em sua procura de alimento ou em sua proteção o homem começou a planejar. Conforme a ideia de Manata (2004), embora o planejamento tenha surgido como uma característica existencial, foi traçado aos poucos, tornando-se cada dia um elemento indispensável e atingindo a complexidade existente no momento em que vivemos.

Para Loch (2009), com a chegada da escola pública partir do século XVII, surge também a necessidade de um planejamento voltado para a área da educação que se expandisse a partir da proposta de universalização da educação formal, aprofundando-se no ocidente à medida que se amplia o direito de uma educação para todos.

O planejamento educacional foi reconhecido nos meios governamentais e acadêmicos brasileiros no ano de 1960. Conforme Gandin (1995), foi nesse período que os governantes tornaram obrigatório o uso de planos para se trabalhar nas escolas, porém os únicos modelos existentes estavam presentes na economia e em algumas empresas. Mesmo sem adaptações que contribuíssem para o sistema educacional estes modelos foram utilizados, buscando atender e amenizar as problemáticas existentes no âmbito burocrático e administrativos das instituições.

É na década de 1970 que surge os planejamentos tecnicistas voltados para as teorias cartesianas e positivistas constituintes do pensamento moderno, que caminhavam lado a lado com as mudanças sociais recorrentes. Na atualidade, este tipo de planejamento vem para a educação através do pensamento neoliberal, partindo do princípio que o aluno é um mero consumidor do conhecimento, enquanto o professor é o detentor deste, sendo treinado para repassá-lo. Ou seja, a fim de atender ao mercado capitalista, o professor nessa concepção deve repassar o seu conhecimento para depósitos de conteúdos (como são vistos os estudantes), sem a possibilidade de criar novos ou selecioná-los de maneira que venham a ser entendidos no dia a dia da escola.

Já na década de 1980, em contraposição a esse modelo capitalista e hegemônico de se pensar o planejamento, surge propostas com ênfase no planejamento participativo, especialmente após a ditadura militar e com o processo de democratização. Diferentemente das propostas anteriores, esta busca compreender as diferenças existentes no processo de ensino. Ou seja, busca acolher diferentes concepções de linguagens, realidade, formas de subjetivação, propondo assim um currículo interdisciplinar ou transdisciplinar que venha compreender as habilidades da heterogeneidade de maneira positiva.

Todo planejamento educacional, para qualquer sociedade, tem de responder às marcas e aos valores dessa sociedade. Só assim, é que pode funcionar o processo educativo, ora como força estabilizadora, ora como fator de mudança. Às vezes, preservando determinadas formas de cultura. Outras, interferindo no processo histórico instrumental (FREIRE, 1986, p. 23).

A afirmação acima esclarece que, para uma mudança educacional em benefício da humanização dos educandos, se faz necessário muito mais que conteúdos escolares, parte-se da conscientização da sociedade, onde os valores sociais existentes se relacionam aos interesses e necessidades dos educandos.

No período de 1950 e no início da década de 1960, temos como precursor dessa proposta aqui no Brasil o educador Paulo Freire, que estabelece uma proposta de planejamento a partir de temas geradores, voltados a Educação de Jovens e Adultos (EJA). Uma proposta que buscava estabelecer uma relação dialógica entre os educadores e educandos, partindo do princípio de educar a partir de seu conhecimento de mundo, ou seja, a partir de seus conhecimentos prévios (FREIRE, 2006).

Nesse sentido, em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996), propõe para a formação e capacitação dos educandos para o exercício da cidadania uma lei que busca garantir o direito do processo de ensino-aprendizagem dos educandos, ou seja, a proposta dessa lei é que esse processo seja realizado com conteúdos e metodologias de ensino vinculados e adequados à realidade dos educandos.

Com isso, precisamos entender a importância de refletir sobre um planejamento que venha considerar os saberes dos educandos da EJA, ou seja, um planejamento que venha contribuir e valorizar as subjetividades existentes nas turmas de EJA, além da relação dos mesmos com os conteúdos escolares.

3.1 PLANEJAMENTO NO ENSINO E O PORQUÊ PLANEJAR?

Ao rever as experiências vividas no projeto “Acesso e Permanência de Jovens de

Origem Popular à Universidade Diálogos Universidade-Comunidade” do PET/Conexões de Saberes, foi possível encontrar e analisar aspectos relevantes que precisam ser considerados na prática docente. Porém, destacamos neste capítulo algo que nos chamou atenção durante essas experiências vividas nas turmas da EJA: planejamento e ensino.

Inicialmente é interesse entender o que seria planejamento. Para alguns autores, o planejamento é a ação que antecede a prática docente. Este tende a orientar a ação do professor em sala de aula delimitando e pontuando a proposta de aula pensada.

Apresentar um conceito de planejamento não é uma tarefa fácil, pois o mesmo carrega consigo uma variação de conceitos e pode ser entendido de diversas maneiras, dentre elas:

Planejamento é um processo de busca de equilíbrio entre meios e fins, entre recursos e objetivos, na busca da melhoria do funcionamento do sistema educacional. Como processo o planejamento não corre em um momento do ano, mas a cada dia. A realidade educacional é dinâmica. Os problemas, as reivindicações não têm hora nem lugar para se manifestarem. Assim, decide-se a cada dia a cada hora (SOBRINHO, 1994, p.3).

Logo, para o autor, planejamento é a tomada de decisões que antecede a ação de executar uma prática. Com isso, a elaboração desse planejamento não pode ser denominada de ação pois, ela é um processo mental de posicionamento com base em uma determinada realidade observada com o intuito de promover transformações através de seus objetivos.

Libâneo (1994) ainda aponta que, do ponto de vista educacional, planejar é um processo de sistematização e organização das ações do professor. É um instrumento da racionalização do trabalho pedagógico que articula a atividade escolar com os conteúdos do contexto social. Dessa forma, o autor exemplifica que o ato de planejar é um instrumento de trabalho do educador que fundamenta a sua prática escolar.

Vasconcellos (2000) afirma que, o planejamento é um ato político pedagógico porque revela intenções e a intencionalidade. Ou seja, por meio do planejamento o educador expõe o que desejaria realizar e o que pretende atingir.

Consequentemente, o planejamento proporciona uma reflexão acerca da prática exercida pelo professor, tanto quanto, ao que o professor pretende ensinar aos educandos. Ou seja, por meio do planejamento experienciamos uma reflexão sobre a metodologia e sobre os resultados apresentados. Assim, metodologia, planejamento e avaliação tornam-se elementos fundamentais para um fazer pedagógico reflexivo e intencional.

O planejamento está presente em nossa história e em nosso cotidiano. Planejamos viagens, festas, batizados, aniversários, ou seja, em diversos momentos de nossas vidas

pensamos em como iremos realizar aquilo que estamos pensando na intenção de que tudo que planejamos ocorra da melhor forma possível. Decidimos então abrir mão daquela cervejinha no fim de semana e/ou da reunião com amigos e família para juntar alguns centavos ou estudar para uma prova que vai nos possibilitar ingressar em concurso, ou seja lá o que tenhamos pensado em planejar. Ao decidir o que queremos, estamos tomando decisões e definindo o que queremos para o futuro. Ou seja, estamos planejando.

No ambiente escolar, o planejamento é uma das atividades mais importantes da prática docente, pois ela antecede a ação e é por meio dela que o professor sistematiza e desenvolve sua proposta metodológica.

O ato de planejar implica em tomar decisões sobre algo que desejamos realizar. E conseqüentemente, para bem fazê-lo, é preciso conhecer a realidade ao qual se está inserido e o que se quer ensinar. Ao planejar, podemos decidir o que faremos a curto, médio e longo prazo e, além disso, prever situações, organizá-las e avaliar o que foi proposto.

Sendo assim, Libâneo (1994, p.221) destaca que:

[...] o planejamento é uma tarefa docente que inclui tanto a previsão das atividades didáticas em termos da sua organização e coordenação em face aos objetivos propostos, quanto a sua revisão e adequação no decorrer do processo de ensino. O planejamento é um meio para se programar as ações docentes, mas é também um momento de reflexão ligado a avaliação.

Nessa perspectiva, o planejamento e a avaliação estão intrinsecamente ligados. Isto é, planeja-se para avaliar e avalia-se para planejar, sem necessariamente seguir essa ordem. Não pretendemos aqui explorar todos os tipos e níveis de planejamento existentes, até porque, como aponta Gandin (2001, p. 83), seria impossível enumerar todos os tipos e níveis de planejamento necessários à atividade humana. Vamos nos deter, então, a alguns conceitos que são essenciais para a educação.

- a) **Planejamento Educacional** – também denominado Planejamento do Sistema de Educação, “[...] é o de maior abrangência, correspondendo ao planejamento que é feito em nível nacional, estadual ou municipal. Incorpora e reflete as grandes políticas educacionais” (VASCONCELLOS, 2000, p. 95).
- b) **Planejamento Escolar ou Planejamento da Escola** – atividade que envolve processo de reflexão e decisões sobre dinamicidade escolar e a proposta pedagógica da instituição. “É um processo de racionalização, organização e coordenação da ação docente, articulando a atividade escolar e a problemática do contexto social” (LIBÂNEO, 1994, p. 221).

c) **Planejamento Curricular** – é a proposta geral que serão desenvolvidas na escola.

[...] processo de tomada de decisões sobre a dinâmica da ação escolar. É previsão sistemática e ordenada de toda a vida escolar do aluno. Portanto, essa modalidade de planejar constitui um instrumento que orienta a ação educativa na escola, pois a preocupação é com a proposta geral das experiências de aprendizagem que a escola deve oferecer ao estudante, através dos diversos componentes curriculares (VASCONCELLOS, 1995, p. 56).

d) **Planejamento de Ensino** – é o guia que irá orientar a prática do professor em sala de aula. Ou seja, é o "[...] processo de decisão sobre a atuação concreta dos professores no cotidiano de seu trabalho pedagógico, envolvendo as ações e situações em constante interação entre professor e alunos e entre os próprios alunos." (PADILHA, 2001, p. 33).

Dessa forma, acreditamos que o planejamento tenha a finalidade de tornar o ensino efetivo, ou seja, que ocorram aprendizagens significativas².

Um dos desafios existentes na Educação de Jovens e Adultos, é a falta de planejamento. Essa ausência interfere diretamente no processo educacional desses educandos, pois a negação de alguns professores em usar o planejamento como um instrumento da prática pedagógica, traz algumas consequências em suas práticas docentes. O professor acaba recorrendo a atividades inadequadas, infantilizadas, incompletas e totalmente descontextualizadas, dificultando assim a aprendizagem e permanência desses educandos em sala de aula. Segundo Libâneo:

[...] a ação de planejar, portanto, não se reduz ao simples preenchimento de formulários para controle administrativo, é, antes, a atividade consciente da previsão das ações político-pedagógicas, e tendo como referência permanente às situações didáticas concretas (isto é, a problemática social, econômica, política e cultural) que envolve a escola, os professores, os alunos, os pais, a comunidade, que integram o processo de ensino (1994, p. 222).

É interessante saber que o êxito de um planejamento ocorre com a participação e comprometimento de todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem. Esse comprometimento traz resultados na qualidade do ensino que a escola oferece.

3.2 O QUE É PARA QUEM PLANEJAR COM CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS?

Trabalhar com educação é algo bastante singular, pois é um ambiente marcado por

² Moreira (1982) auxilia na compreensão do conceito, informando que a aprendizagem significativa é um processo pelo qual uma nova informação se relaciona com aspectos relevantes, já existentes na estrutura de conhecimento do indivíduo.

implicações de muitas dimensões. No trabalho da gestão escolar e da sala de aula essas implicações são ainda mais evidenciadas, pois se faz necessário estar e lidar com pessoas em diversos aspectos.

No ambiente escolar, cada sujeito possui suas próprias evidências, sentimentos, histórias e experiências que devem ser levadas em consideração no decorrer do seu processo de ensino. Pensar por essa perspectiva é desafiador, mas quando assumido de forma responsável proporciona o desenvolvimento da autoestima e autonomia desses sujeitos.

Segundo Piletti (1989, p. 63), quando optamos por planejar devidamente uma proposta de ensino que possui como objetivo atender às necessidades dos educandos, é necessário antes de tudo reconhecer e entender em que contexto social estes estão inseridos. Ou seja, é necessário saber quais os conhecimentos prévios existentes em uma turma, ouvir e conhecer suas histórias de vida, suas necessidades, seus sonhos e inspirações. É possível conhecer tais subjetividades por meio do diálogo e observação, basta que estejamos atentos e que usemos esses diálogos a favor da nossa intencionalidade, tendo flexibilidade no planejamento.

O plano de ensino ou plano de aula, como costumamos chamar no dia a dia, trata-se de um documento que permite que o professor reflita sobre suas decisões, como por exemplo: o que se pensa fazer, como fazer, quando fazer, com o que fazer e com quem fazer.

Quando não levamos em consideração as subjetividades dos educandos, corremos o risco de tornar o planejamento um instrumento inútil em nossa prática educativa, por não atender as necessidades dos envolvidos. Com isso é importante que os educandos façam parte do planejamento, afinal esse processo não é bom apenas para o educador, que irá ter sua prática norteada por esse instrumento, mas também pelo educando que será beneficiado com uma prática que está levando em consideração seus conhecimentos e vivências.

Levar em conta a realidade do educando significa (re)conhecê-la enquanto uma produção cultural, situada e contextualizada. O que implica superação na perspectiva de que as representações e experiências dos educandos – seu capital cultural –, assim como os interesses e necessidades da comunidade na qual a escola está inserida passaram a ser submetidos à mediação e processamento no cotidiano escolar, com vistas a uma transformação qualitativa (MELLO, 2005, p. 26).

É natural que ao buscar conhecimentos, nos interessemos por algo que tem influência em nosso dia a dia, dessa forma, o objetivo da aprendizagem para o educando nas turmas de EJA é que esses ensinamentos sejam significativos e úteis para o contexto social em que está inserido.

Buscamos, a seguir, aprofundar o tema do planejamento a partir da teoria crítica e suas

possibilidades de promover o diálogo, a criatividade e a participação na transformação no contexto da prática pedagógica com jovens e adultos.

4 REGISTRO DE UMA EXPERIÊNCIA NO PROJETO PET/CONEXÕES DE SABERES

O PET/Conexões de Saberes surgiu na UFPB através do Edital 09 MEC/SESU/SECAD no ano de 2010. Este trabalho se propõe a apresentar as atividades desenvolvidas pelo Projeto “Acesso e Permanência de Jovens de Origem Popular à Universidade: Diálogos Universidade-Comunidade”. O referido Projeto, de acordo com Calaça (2016), objetiva inserir os estudantes de graduação oriundos de comunidades populares urbanas em experiências de ensino, pesquisa e extensão, a partir dos conhecimentos específicos do seu curso de licenciatura, refletindo sobre o acesso e também a oportunidade de permanência de jovens universitários oriundos da mesma territorialidade, colocando-se como uma ação afirmativa cujos critérios adotados são a etnicidade e a questão social.

As vivências na Educação de Jovens e Adultos proporcionadas pelo Projeto citado, apresentam-se na formação de seus discentes como uma novidade constante, pois apesar de já haveremos frequentado as salas de aula da EJA nos posicionando como educadores, planejando aulas e realizando observações para acompanhar o trabalho desenvolvido pela professora, sempre há algo significativo para contribuir em nossa formação, um acontecimento que nos instiga a ressignificar nosso olhar para as turmas de jovens e adultos, possibilitando repensar sobre o posicionamento que assumimos enquanto educadores.

4.1 A PROPOSTA DE ALFABETIZAÇÃO E SUA ELABORAÇÃO

Dessa forma, destacamos como registro de uma experiência libertadora o Projeto Formação de Professores/as na EJA: a prática pedagógica da Alfabetização. Foi pensada como uma proposta de extensão que consistia em oferecer aos (às) alunos (as) participantes do PET uma prática pedagógica em turmas de alfabetização na modalidade de EJA.

O projeto de alfabetização foi pensado a partir de uma prática pedagógica realizada nos anos de 2015 e 2016 quando acompanhamos salas dos ciclos I e II e Ensino Médio e percebemos as dificuldades de leitura e escrita dos discentes nas salas de EJA. Em 2017 o desafio proposto seria o aprofundamento da prática pedagógica na EJA com a regência de aulas em turmas de alfabetização nas escolas públicas dos municípios de João Pessoa e Santa Rita.

Assim, o projeto de alfabetização seria na região metropolitana da capital Paraíba e realizado no período de maio a dezembro de 2018, desenvolvendo-se da seguinte forma: observação, participação e regência de aulas.

Ou seja, cada bolsista buscaria uma escola próxima a sua residência, a fim de facilitar o deslocamento, evitando gastos com passagem, mas também para melhor conhecer a realidade escolar do local onde mora. Dessa forma, cada um dos bolsistas residentes de bairros diferentes obteve a oportunidade de ressignificar a compreensão sobre a Educação de Jovens e Adultos através de um período de maior permanência na sala de aula.

De fato, a ideia do Projeto de Alfabetização foi grandiosa em todos os sentidos, pois desde o princípio sabíamos que o resultado dessa proposta dependeria do nosso empenho e dedicação diante dos desafios vivenciados. Já que de acordo com Calaça (2016), quando optamos por escolher a Educação de Jovens e Adultos como campo de prática docente e reflexão teórica, logo, partimos do entendimento de que embora todos os sujeitos da escola pública devam ser objeto de preocupação da Educação Popular, os sujeitos da EJA possuem especificidades que os aproximam ainda mais deste tipo de educação. Entendemos também os reflexos do analfabetismo e o quanto esse problema social é mascarado pelas pessoas e pelo governo, resultando num pensamento ingênuo quando se trata da questão de alfabetização no Brasil.

Assim, ficou evidente a necessidade de atentarmos durante a realização da prática pedagógica para um processo que engloba o letramento, percebendo as necessidades dos sujeitos da EJA e enfatizando a importância de compreender como os educandos se identificam com a leitura e escrita. Com isso, discutimos sobre o processo de alfabetização na EJA, a partir de algumas obras: O que é o método Paulo Freire de Carlos Rodrigues Brandão (1981), A importância do ato de ler de Paulo Freire (1997); Educação como Prática da Liberdade de Paulo Freire (1967); Práticas de Alfabetização na EJA de Suzana Schwartz (2012); Leitura e Alfabetização de Silvia Lucia Bigonjal Braggio (1992); e, Psicogênese da Língua Escrita de Emília Ferreiro e Ana Teberosky (1999).

Assim, conforme íamos nos reunindo, ajustávamos algumas questões que precisavam ser pensadas para o momento de nossa prática, como produção de uma sequência didática e elaboração de uma diagnose que pudesse compreender as dificuldades de cada educando.

Além de toda essa contribuição teórica passamos por dois momentos de formação. Inicialmente com a professora Maria Alves Azeredo, doutora em educação e professora da Universidade Federal da Paraíba (UFPB) em ensino de matemática, que nos fez alguns questionamentos sobre o ensino de matemática e ressaltou a necessidade de atentarmos para a alfabetização matemática. Assim, dialogamos sobre a matemática como parte do cotidiano e a importância de trabalharmos com a resolução de problemas reais, podendo utilizar mapas,

cartão de vacinação, cartas de baralho, dados, calendário, enfim, diversos materiais que fazem parte das vivências dos jovens e adultos. Em seguida, tivemos outra formação com a professora Maria Lúcia da Silva Nunes, doutora em educação e professora de ensino de português na Universidade Federal da Paraíba. Neste momento de formação discutimos sobre como elaborar as questões de português que poderiam ser utilizadas na diagnose. Além de atentar para a importância de trabalharmos com as histórias de vida dos educandos. Produzimos as questões da diagnose em sala de aula junto com a professora Lúcia e ela nos orientou sobre a necessidade de analisar as respostas dos educandos para compreender suas dificuldades e facilidades.

Após esses dois encontros de formação pensar a diagnose a partir da realidade dos educandos tornou-se muito significativo, visto que a importância de um olhar criativo sobre a prática foi extremamente importante.

Durante a nossa participação no Programa PET/Conexões de Saberes foi possível vivenciar experiências significativas e exercer práticas docentes na sala de aula de jovens e adultos. O diferencial dessa proposta de alfabetização é que o discente do projeto estaria imerso na realidade da sala de aula da EJA por um tempo bem maior que as demais experiências. Como estávamos livres para escolher em qual escola pública realizar nossa proposta de alfabetização, optamos por realizar na mesma escola a qual já havíamos realizado algumas atividades do projeto, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Seráfico da Nóbrega, localizada no bairro de Tambaú na cidade de João Pessoa- PB.

4.2 PRÁTICA LIBERTADORA

Na Educação de Jovens e Adultos os educadores da EJA possuem um papel muito relevante no processo de alfabetização, visto que, ao maturarem a maneira que os conteúdos serão aplicados em sala de aula, os resultados serão bastante significativos. Afinal, a prática pedagógica do educador diz muito sobre a concepção de educação construída em seu processo de formação acadêmica. De acordo com Pinto (2010, p. 86),

O educador tem de considerar o educando como um ser *pensante*. É um portador de ideias e um produtor de ideias, dotado frequentemente de alta capacidade intelectual, que se revela espontaneamente em sua conversação, em sua crítica aos fatos, em sua literatura oral.

Neste sentido, com o intuito de evidenciar o uso da criatividade no planejamento e na sala de aula, iniciamos nossa prática de alfabetização em uma sala de aula do ciclo II composta por 12 educandos. No total tivemos 15 encontros, distribuídos conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 - Descrição dos encontros

QUANT. ENCONTROS	ESPECIFICIDADES	COMENTÁRIOS
03	OBSERVAÇÃO E REGISTRO	Atentando às especificidades da turma e sala de aula
02	APLICAÇÃO DA DIAGNOSE	Envolvendo leitura e escrita
10	ENCONTROS DE 4H/AULA	Realizados uma vez por semana, na Terça-Feira.

Fonte: Autoria própria (2018)

Dessa forma, em nosso processo de observação e registro, foi possível observar também a precarização da estrutura escolar que limita a Educação de Jovens e Adultos as salas totalmente infantilizadas, cheias de pinturas e registros da Educação Infantil. Além dessa problemática estrutural, percebemos também que as dificuldades apresentadas na escola são diversas, incluindo a falta de segurança e até a ausência de equipamentos básicos, como papel ofício, impressora e papel para a realização das aulas. Sabemos que tais barreiras se fazem presentes também em outras instituições de ensino público.

Já na realização de nossa diagnose identificamos que as questões envolvendo leitura e escrita na EJA ainda se apresentam bastante fragilizadas, mesmo com tantos avanços e conquistas. Percebemos que nas maiorias das vezes as propostas de atividades ofertadas aos educandos em seu processo de alfabetização condizem com uma ação bastante tradicionalista, desconsiderando os conhecimentos prévios dos educandos e inviabilizando a autonomia dos mesmos. Concluímos também que o diálogo era algo que não era estimulado em sala de aula, pois os educandos eram divididos e os que tinham dificuldades na leitura e na compreensão dos textos iam para o reforço, enquanto os que já compreendiam a leitura ficavam na sala de aula, adiantando o material que era disponibilizado para eles.

Assim, vivenciamos na prática a realidade de uma sala de aula na EJA, onde a prática pedagógica exercida não coincidia com a concepção de Educação Popular. Sendo perceptível a importância de atentarmos ao planejamento no momento de elaborarmos nossas aulas, tendo como principal objetivo as necessidades dos educandos em processo de alfabetização.

Nesse sentido, ao levar em consideração todas essas especificidades e a partir da nossa concepção de educação e por reconhecermos a Educação Popular como alternativa viável na Educação de Jovens e Adultos, compreendemos a importância que as histórias de vida dos educandos têm no processo de alfabetização. Então, optamos por evidenciar em nosso planejamento a história de vida dos educandos por meios de objetos significativos; pois, durante a nossa prática de observação, percebemos que esses conhecimentos não eram evidenciados,

restringindo a alfabetização de jovens e adultos à memorização. Além disso, optamos por abordar questões matemáticas a partir do gênero receitas e listas, além de abordar questões de cidadania e equidade por meio do filme “O aluno”.

Dessa forma, ao analisar nossas práticas durante esse projeto de alfabetização identificamos a importância da criatividade no planejamento das aulas na EJA. Para organizar e realizar essa identificação utilizamos a análise de conteúdo com ênfase temática (BARDIN, 2011). As problematizações e inquietações foram realizadas a partir da prática realizada do projeto de alfabetização, realizada no espaço escolar que serão apresentadas a seguir.

4.2.1 Filme “O aluno”

Inicialmente é importante ressaltar que a sala de aula que realizamos nossa experiência libertadora é formada em sua maioria por mulheres que trabalham como empregadas domésticas e caixas de supermercado e homens que trabalham como pedreiros das obras do entorno da escola, assim como padeiros, recicladores e pintores. E desde o primeiro dia, percebemos o quão esforçados eles são, pois muitos passam a semana em seus empregos e apenas encontram suas famílias no fim de semana, quando tem folga.

Em nosso primeiro encontro explicamos aos educandos que a nossa proposta de alfabetização iria abordar questões envolvendo leitura e escrita partindo dos conhecimentos prévios deles e que para conhecer um pouco deles iríamos usar alguns recursos além do quadro, lápis e papel. Então, nesse encontro seria necessário que eles estivessem mais confortáveis, pois iríamos assistir a um filme chamado “O Aluno”.

O filme é dirigido por Justin Chadwick e possui 103 min, ele reconta a história de Kimani Maruge Ng’ang’a, um queniano negro que foi preso e torturado por lutar pela liberdade de seu país. Aos 84 anos, quando soube de um programa governamental de escolas para todos, Maruge se candidata para uma escola primária que atende crianças de seis anos de idade. Sua entrada acontece graças ao apoio de uma das professoras e ele também se torna um grande educador.

Quando pensamos em planejar essa aula, encontramos diversos desafios pois a falta de recurso e a dificuldade de realizar algo diferenciado em sala de aula era algo que poderia nos impedir, então com os recursos (datashow, folha de ofício, impressões, canetas, lápis) que o projeto disponibiliza, buscamos realizar nossa prática. A primeira coisa que atentamos foi nas especificidades dos educandos e nos desafios vivenciados por eles, além do aspecto físico que seria o cansaço e o sono no decorrer da aula, então optamos por disponibilizar uma garrafa de café e alguns biscoitos para estimular a atenção deles ao filme que iria abordar o valor da

educação de uma maneira geral e da leitura de forma particular.

O conhecimento de mundo e a habilidade que todos nós temos de estabelecer conexões, são consequências de um exercício constante, de leituras de obras diversas, desenvolvidas de maneira habitual. Ao estabelecer uma conexão entre o filme e a história de vida dos educandos buscamos despertar o desejo de conhecimento deles. Pois, segundo Schwartz (2012, p. 99):

Valorizar na prática pedagógica, a produção de pensamento, mas tendo também clareza de que os conhecimentos socialmente construídos são necessários para servirem de base para elaborar outros conhecimentos é fundamental, porque é desta forma que o professor poderá organizar o que os alunos descobrem, criam e formulam.

Assim, ao final do filme, escrevemos no quadro as palavras “o aluno” e em seguida estimulamos a reflexão sobre o filme a partir do seguinte questionamento: O que o aluno do filme possuía em comum com cada um deles? Em seguida, perguntamos quem seriam os alunos que estavam conosco naquele momento. Além de disso, abordamos o filme por meio da realidade escolar deles, questionando-os se a realidade escolar a qual eles vivenciavam todos os dias era muito diferente da realidade apresentada no filme.

No decorrer desses questionamentos percebemos que alguns educandos ainda se sentiam desconfortáveis em se colocar diante da nossa proposta, porém mesmo um pouco receosos ainda participaram e interagiram, por estarmos discutindo algo do conhecimento deles. De acordo com o pensamento de Schwartz (2012, p. 100), “na aprendizagem se entrelaçam conhecimentos prévios, experiências pessoais e sociais, informações. Aprender em sala de aula não depende, portanto, de uma simples aceitação igual e passiva do discurso do professor”.

Assim, quando estimulamos o diálogo, identificamos o quanto eles sentiam-se desconfortáveis em estar em uma sala de aula infantilizada, com decoração e exposições de turmas infantis.

Por fim, após nossos diálogos, perguntamos aos educandos qual era o maior sonho do Kimani aos 84 anos de vida. Em seguida, indagamos qual era o maior sonho deles hoje. Então os educandos, ainda eufóricos com o filme, responderam e fomos anotando em uma folha de papel A4. Logo após, montamos essas palavras com ajuda do alfabeto móvel, para que pudéssemos reescrevê-los em um post-it e expô-los em um painel de papel madeira que havíamos trazido para nossa aula.

Durante a atividade compreendemos o desafio que é planejar com criatividade, mas conseguimos vivenciar de perto o quão interessante é o desenvolver da capacidade criativa dos educandos ao serem desafiados a realizar uma atividade que exigia bem mais do que apenas aprender a ler e escrever.

4.2.2 História de vida dos educandos

Então, para nosso segundo encontro, buscamos como principal objetivo estimular o diálogo entre os educandos para em seguida abordar o gênero textual biografia. Porém, como abordar a criatividade através de uma proposta de trabalhar as biografias? Optamos por abordar o gênero textual a partir da discussão que realizamos em nosso primeiro encontro após o filme “o aluno”, usando como foco o manuseio de um objeto significativo para eles. Assim, ao chegarmos na sala de aula, com a ajuda dos educandos, modificamos a estrutura física da sala de aula, as cadeiras que antes eram uma atrás das outras, agora estavam em forma de “U”.

Em seguida mostramos um objeto bastante significativo em nossa história de vida e perguntamos aos educandos se haviam trazido um objeto significativo na vida deles, como combinado no nosso encontro anterior, para que pudessemos compartilhar um pouco das nossas vivências com os demais em nosso segundo encontro. Eles apresentaram os seus objetos e solicitamos que os colocassem em cima da mesa que estava no meio da sala, a fim de ficarem em exposição para todos.

Foi muito interessante para nós ver e perceber o quanto eles estavam abertos a participar dessa proposta que havíamos planejado para eles. Dentre os objetos pessoais tivemos uma bíblia, alianças, fotos, lenço, escovas de cabelo e até mesmo uma carta.

Então iniciamos nosso encontro explicando que estar alfabetizado vai muito além de saber ler e escrever, estar alfabetizado é compreender o mundo ao nosso redor e ser compreendido. Então, a partir dessa reflexão, explicamos que por meio dos objetos cada educando iria falar um pouco, sobre o significado destes, sobre suas conquistas pessoais e seus sonhos, além do seu nome completo, data de nascimento e lugar onde nasceu. No decorrer das apresentações íamos norteando os relatos e registrando os dados para que em seguida pudessemos abordar a estrutura de uma biografia. No decorrer das apresentações pudemos vivenciar algo bastante significativo, pois os educandos partilhavam lembranças únicas, alguns deles se emocionaram ao compartilhar momentos que há anos não compartilhavam, e pudemos presenciar o fim daquela divisão existente em nossa observação, pois em tempos em que ninguém ouve o próximo, cada um deles se permitiu ouvir um pouco do outro.

Assim, após os relatos, haviam no total 13 fichas, compostas com os nomes, data, local de nascimento e conquistas e histórias contadas por eles mesmos, registradas ali. Então por meio da exposição e apreciação dessas fichas convidamos os educandos para conhecer suas biografias, solicitando então que cada um deles, ao apreciar as fichas, identificasse a que lhe pertencia. Para que, em seguida, apresentássemos a estrutura de uma biografia e seu objetivo.

No decorrer desta atividade foi possível compreender a importância de um planejamento criativo e significativo, pois percebemos o quanto eles estavam abertos a participarem da aula e a serem ouvidos.

4.2.3 Gênero textual: receitas culinárias e os diferentes tipos de listas

Durante o planejamento de nossos encontros, dialogamos sobre alguns aspectos sociais e econômicos da vida dos educandos e contextualizamos-os com gêneros textuais em nossas práticas de alfabetização.

Assim, durante o último mês de regência, realizamos uma sequência didática que abordava o gênero textual lista e receita que tinha como objetivo valorizar os conhecimentos prévios de nossa turma. Foi elaborada uma lista a partir da profissão de cada educando, pois em nossa sala de aula haviam cozinheiras, pintor, caixa de supermercado, dona de casa, mecânico, reciclador e empregadas domésticas.

Iniciamos a aula questionando quantos deles já haviam passado por uma situação em que precisavam escrever uma lista em seu trabalho, em casa ou na escola. Em meio a nossa roda de conversa, alguns deles responderam que sim, precisaram escrever, mas como não sabiam pediam a outras pessoas para fazê-lo; outros falaram que escreviam da maneira que sabiam.

Então, após nossa roda de conversa, explicamos que nossa aula seria sobre o gênero textual lista e que inicialmente eles iriam identificar em seu local de trabalho alguns elementos que poderiam ser listados e que iriam tentar pôr no papel. Após a primeira tentativa de cada educando, ainda com receio de nossa atividade, começaram a ousar em seus processos de escrita. Após as tentativas de cada um deles, cada educando ia falando quais os itens de suas listas e nós iríamos descrevê-los no quadro para que eles identificassem em suas próprias escritas seus erros e acertos. Nos diferentes tipos de listas que eles criaram, havia lista de material de construção, lista de supermercado, lista de material escolar, lista de contas a pagar, entre outras.

Assim, após esse processo de construção e diálogos sobre os diversos tipos de lista, informamos que iríamos abordar um segundo gênero textual, muito conhecido em nosso dia a dia. Tal gênero seria o da receita culinária, que geralmente é apresentada em quatro partes bem definidas: ingredientes, modo de fazer, duração e porções. A primeira parte apenas relaciona os ingredientes, estipulando as quantidades necessárias, indicadas em gramas, xícaras, colheres, pitadas, etc.; já a segunda parte contém o modo de fazer, ou seja, o passo a passo da receita; a terceira o tempo e quantos graus que cada receita precisa para ficar pronta; e, por último, as

quantidade de fatias ou porções que ela serve.

A receita que usamos era composta justamente por essas quatro partes que estavam bem definidas:

Quadro 2 - Receita de Empada Doce

EMPADA DOCE	
Ingredientes	<ul style="list-style-type: none"> ○ 1/3 de xícara de margarina sem sal ○ 1 xícara de farinha de trigo ○ 1 gema ○ 2 colheres de sopa de açúcar ○ 1 pitada de sal ○ 1 lata de leite condensado
Modo de Fazer	<p>Misturar todos os ingredientes secos, em seguida acrescentar o ovo e a margarina e misturar tudo.</p> <p>Após moldá-las em uma forma de empada tamanho médio, acrescentar 2 colheres de leite condensado para cada forminha.</p>
Duração	<p>20 MIN em 120°</p> <p>(Quando a empada estiver dourada retirar do forno e deixar esfriar para poder desenformar)</p>
Porções	12 porções de tamanho médio

Fonte: Autoria própria (2018)

Então, depois de explicar sobre a estrutura da receita, solicitamos que eles identificassem em alguns encartes de supermercados que distribuimos em meio a sala de aula os ingredientes necessários para essa receita e quanto iríamos gastar, buscando trabalhar questões matemáticas existentes no contexto de cada um deles.

No decorrer da atividade percebemos a importância de contextualizar a matemática e escrita com os conhecimentos prévios dos educandos, pois a dificuldade que percebemos durante as observações eram compreendidas e realizadas de maneira singular simplesmente pelo fato de estarem contextualizadas com seu dia a dia.

Com isso, planejamos nossa aula de maneira que fossemos capazes de realizar uma receita em sala de aula, então optamos por fazer uma empada doce. Por reconhecer a falta de recursos e espaço na escola para realizar a proposta, utilizamos elementos que tínhamos em casa, então levamos um forno elétrico, medidas e os ingredientes para realizar a receita em sala de aula.

Então, após saber quanto gastaríamos em dinheiro para comprar os ingredientes, conversamos sobre os valores e as diferenças encontradas entre os encartes, pois muitos diziam:

“esse supermercado é muito caro”, “esse tá barato demais, se soubesse iria fazer minha feira lá”, entre outras afirmações interessantes que daria para contextualizar outros encontros.

Então, para a surpresa dos educandos que já sabiam quanto poderiam gastar para realizar a empada doce, agora iríamos realizar uma receita em sala de aula. Esse foi o momento entre todos de nossa prática em que percebemos o quanto vínhamos aprendendo com esse projeto de alfabetização, pois a forma como a sala estava animada em cada um de nossos encontros era bastante significativo.

Dividimos a turma em dois pequenos grupos, onde um ficaria responsável por ler quais os ingredientes e quantidades iríamos usar para fazer a receita e onde o outro ficaria responsável pelo modo de fazer. Então com a base da receita já pronta, iríamos moldar as empadas e recheá-las, cada educando sendo responsável por moldar e rechear sua própria empada. Era muito interessante perceber a socialização entre eles ao construir relações por meio de novas informações.

Então, enquanto as empadas estavam assando no final da sala, buscamos registrar nossas impressões sobre a nossa experiência por meio do diálogo. Pois, ao planejar essa proposta buscamos manter a articulação do diálogo e da valorização da criticidade do educando por meio de um planejamento criativo. De acordo com Schwartz (2012, p. 145), “O professor não planeja tarefas isoladas, suas propostas estão direcionadas para a formação do leitor e escritor autônomo; sendo assim a concepção de aprendizagem está presente na organização da tarefa didática”.

Dessa maneira, é importante ressaltar que durante o desenvolvimento das atividades no projeto de alfabetização, buscamos evidenciar a participação dos educandos diante das atividades propostas e utilizar a criatividade como um elemento de mediação para que essa participação fosse construída de maneira singular em sala de aula. No entanto, eram perceptíveis os reflexos adquiridos no cotidiano deles e o porquê deles tornarem-se apenas espectadores de sua alfabetização, tendo insegurança ao falar, hábito em reescrever tudo que está posto no quadro e falta de diálogo na relação educando e educador. Sobre o diálogo ou a falta dele na sala de aula de jovens e adultos, Freire afirma que (2014, p. 108):

A existência, porque humana, não pode ser muda, silenciosa, nem tampouco pode nutrir-se de falsas palavras, mas de palavras verdadeiras, com que os homens transformam o mundo. Existir, humanamente, é *pronunciar* o mundo, é modificá-lo. O mundo *pronunciado*, por sua vez, se volta problematizado aos sujeitos *pronunciantes*, a exigir deles novo *pronunciar*.

Com isso, Freire chama a atenção para a importância do diálogo na formação desses sujeitos, atribuindo à escola o dever de oportunizar o diálogo entre os educandos e a

comunidade escolar sobre as mais diversas temáticas que devem ser exploradas. Visto que, é por meio do diálogo que temos oportunidade de conhecermos mais e melhor as pessoas que constituem a sala de aula e a escola, quando nos posicionamos através das palavras, elas dizem muito sobre quem somos e de onde viemos, onde pretendemos chegar, enfim, como pensamos o mundo.

Em nossa prática o diálogo apesar de ser aparentemente uma ação simples, foi a ferramenta mais utilizada e que nos possibilitou vivenciar algo tão libertador e enriquecedor. Ou seja, foi através do diálogo gerado em sala de aula que presenciamos a complexidade que é educar e que merece toda a nossa atenção.

Dessa maneira, percebemos que as práticas pedagógicas realizadas na sala de aula da EJA, precisam ser constantemente renovadas e pensadas com criatividade, pois foi a partir da experiência no Projeto de Alfabetização que compreendemos que o diálogo não pode ser apresentado como uma novidade em sala de aula, mas sim como uma ferramenta de empoderamento e autonomia, algo que a escola deve estimular como um todo.

Durante nossa prática pedagógica, tivemos consciência do desafio que é planejar com criatividade e executar uma aula com poucos recursos, pois sabemos que a realidade da educação brasileira é extremamente precária. Mas, não queremos dizer que é necessário abandonar o método tradicional de escrita e leitura, mas sim usar essa prática de maneira que venha a ser significativa para o educando, pois ao planejar de maneira criativa e com falta de recursos utilizamos das perspectivas freirianas na educação:

Pensávamos numa alfabetização que fosse em si um ato de criação, capaz de desencadear outros atos criadores. Numa alfabetização em que o homem, porque não fosse seu paciente, seu objeto, desenvolvesse a impaciência, a vivacidade, característica dos estados de procura, de invenção e reivindicação (FREIRE, 1985, p. 112).

Quando Freire chama atenção para o desenvolvimento da “impaciência, a vivacidade, característica dos estados de procura, de invenção e reivindicação” descrita acima, que deve ser cultivada nos educandos, estimulamos a autonomia dos mesmos através unicamente de propostas pedagógicas que utilizem dessa perspectiva dialógica e libertadora.

Por isso, no decorrer do projeto de Alfabetização enfatizamos o diálogo como elemento primordial em nossas aulas, partindo inicialmente das primeiras conversas que surgiam em sala de aula como, por exemplo, o diálogo de uma educanda com outra, onde comentam sobre o episódio de uma novela e a notícia sobre esta que saiu no jornal, torna-se elemento de discussão em sala de aula, o que contribuía para que os educandos saíssem da zona de conforto de chegar a escola e apenas tornar-se ouvinte em sala de aula. Dessa forma, é preciso que tanto o educador

quanto o educando estejam preparados para se reinventar em sala de aula e aptos a buscar e experienciar novas possibilidades a partir de uma prática libertadora. Freire (1979, p. 72), comenta:

A alfabetização não pode se fazer de cima para baixo, nem de fora para dentro, como uma doação ou uma exposição, mas de dentro para fora pelo próprio analfabeto, somente ajustado pelo educador. Esta é a razão pela qual procura mais um método que fosse capaz de fazer instrumento também do educando e não só do educador.

Quando optamos pela educação popular como uma alternativa viável para a Educação de Jovens e Adultos nesse projeto de alfabetização, entendemos que a concepção freiriana tem muito a contribuir nessa área da educação, pois compreende o processo de educação de maneira significativa e subjetiva. Pois, consideramos os conhecimentos prévios dos educandos o ponto de partida para a construção de seu conhecimento a partir da perspectiva do letramento. Soares (2010, p. 24) afirma que “... um indivíduo pode não saber ler e escrever, isto é, ser analfabeto, mas ser, de certa forma, letrado (atribuindo a este adjetivo sentido vinculado a *letramento*)”.

Assim, segundo Freire (1994), uma educação libertadora é constituída de alguns princípios, são eles: solidariedade, esperança, fé, amorosidade, enfim... sentimentos que fazem parte de nossa condição humana, no entanto, por vezes esquecemos quem realmente somos, e agimos de forma autoritária e conseqüentemente egoísta.

Por isso, ao recordar a importância dessa prática em nossa formação percebemos o quanto ela colaborou para o nosso amadurecimento, desde os desafios vivenciados até às práticas pedagógicas vivenciadas em sala de aula que nos possibilitou ressignificá-las e aprender durante todo o processo sobre a importância que o diálogo e a criatividade trazem para o processo de alfabetização, contribuindo para um melhor e maior aprendizado na aquisição dos conhecimentos sistematizados na educação formal. Afinal, a sala de aula é um espaço de troca de saberes, pois tanto os educadores quanto os educandos tem o que aprender e ensinar uns aos outros, assim, o diálogo é o caminho viável para que a educação seja a prática da liberdade e autonomia entoadas por Freire.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, ao concluir este trabalho, retomamos a questão inicial: qual a importância do planejamento no processo de ensino-aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos?

Na EJA o educador é um formador de opinião capaz de enriquecer a vida do educando por meios das obras lidas, inspirações, criatividade e ações educativas intencionais. Ao planejar, ele precisa observar e proporcionar aos educandos a leitura de diversos textos que façam parte do seu contexto social, com assuntos diferentes para então descobrir quais são os temas e gêneros textuais que mais os atraem.

Acreditamos que, levando em consideração esses pontos, o educador se aproxima de quem são os educandos da EJA, realizando um planejamento criativo que contribui para que estes possam, na problematização da vida concreta, construir e adquirir conhecimentos significativos que contribuem para a superação de suas realidades.

Assim, ao refletir sob essa prática, compreendemos que as mesmas eram articuladas com os conhecimentos prévios e em conexão com o cotidiano, oportunizando a participação e interação dos educandos, sendo possível compreender que por meio delas estes vivenciavam uma maior compreensão das atividades propostas. Segundo SCHWARTZ (2012, p. 102), “Aprender é construir relações entre um conhecimento existente e novas informações”.

Desse modo, concluímos que os ensinamentos foram de extrema relevância, visto que os reflexos dessa prática de alfabetização em nossa formação acadêmica permitiram compreender a importância de um planejamento criativo tanto na formação do educando quanto do educador. Contudo, seria muita pretensão nossa afirmar que planejar com criatividade, diante dos desafios existentes, é uma tarefa fácil, uma vez que o planejamento é um processo em constante transformação.

Assim, ao refletir sobre nossa prática pedagógica compreendemos um dos princípios teóricos que fundamentaram um planejamento participativo, no qual a reflexão da ação é fundamental. Identificamos o que deveria ser mudado quando a estratégia de ensino não estava proporcionando aprendizagens significativas e criativas. Diante disso, percebemos que, durante a nossa prática, não conseguimos atingir todos os objetivos que almejávamos, mas os que foram atingidos nos deixaram plenamente satisfeitas. Para Freire (1996, p. 21), “ensinar não é transferir conteúdos, mas criar possibilidades para a sua produção ou construção”, ou seja, aprendemos uns com os outros, isto é, somos capazes de ensinar para os adultos e para as crianças se formos capazes de aprender, sendo um professor disposto a buscar o novo e a aprender todos os dias.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. **O educador no ambiente virtual: concepções, práticas e desafios**. São Paulo: SENAC, 2004. (Forúm de educadores).
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2011.
- BRAGGIO, Silvia Lucia Bigonjal. **Leitura e Alfabetização concepção Mecanicista à sociopsicolinguística**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é o método Paulo Freire**. Brasília: Editora brasiliense, 1981.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Brasília: Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2005.
- CALAÇA, Suelídia Maria (Org.). **O projeto PET/Conexões de saberes acesso e permanência de jovens de origem popular à universidade: diálogos universidade-comunidade - trajetória e atuação na UFPB**. In: _____. Juventude de origem popular, educação de jovens e adultos e Ensino Médio no Projeto PET/Conexões de saberes. João Pessoa: Ideia, 2016. p. 9-26.
- ESTRADA, Mauro Rodríguez. **Manual de criatividade: os processos psíquicos e o desenvolvimento**. São Paulo: Ibrasa, 1992.
- FERREIRO, Emília & TEBEROSKY, Ana. **A psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- _____. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985.
- _____. **A Importância do Ato de Ler: em três artigos que se completam**. 22 ed. São Paulo: Cortez, 1988.
- _____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- _____. **Á sombra desta mangueira**. São Paulo: Editora olho D'água, 2000.
- _____. **Planejamento dialógico: como construir o projeto político-pedagógico da escola**. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.
- _____. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.
- GANDIN, Danilo e CRUZ, Carlos Henrique Carrilho. **Planejamento na sala de aula**. Porto Alegre, 1995.

_____. **Planejamento:** plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo. São Paulo: Libertad, 1995.

KENSKI, Vani Moreira. **Avaliação da aprendizagem.** In: VEIGA, Ilma Passos de Alencastro (Org.). Repensando a Didática. 10. ed. Campinas: Papirus, 1995.

KNELLER, George F. **Arte e ciência da Criatividade.** Tradução de J. Reis. 5º ed. São Paulo: Ibrasa, 1978.

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** Coleção magistério 2º grau. Série formação do professor. São Paulo: Cortez, 1994.

LOCH, Jussara Margareth de Paula. **Planejamento e Avaliação em EJA.** IN: Planejamento, metodologia e avaliação. Porto Alegre: Mediação, 2009.

MANATA, Dora Viana. **Planejamento Docente, Questão didática.** In: Revista da Educação AEC, Brasília, Ano 33, no 132, Jul/Set 2004.

MELLO, Marco. **Pesquisa Participante e Educação Popular:** da intenção ao gesto. Diálogo Pesquisa e Assessoria em Educação Popular; IPPOA- Instituto Popular Porto Alegre. Porto Alegre: Editora Ísis, 2005.

MOREIRA, M. A., MASINI, E. F. A. **Aprendizagem significativa:** a teoria de David Ausubel. São Paulo: Moraes, 1982.

NICOLAU, Marcos. **Introdução à criatividade.** João Pessoa: Idéia, 1994.

O ALUNO. Produção de Justin Chadwick. Reino Unido: BBC Films, 2010.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Jovens e adultos como sujeitos de conhecimento e aprendizagem.** XXII Reunião Anual da ANPed. Caxambu, 1999. IN: BRASIL. Ministério da Educação. Educação como exercício de diversidade. Coleção educação é para todos. Brasília, 2005.

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e processos de criação.** 13ª ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

PADILHA, R. P. **Planejamento dialógico:** como construir o projeto políticopedagógico da escola. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2001.

PILETTI, Claudino. **Didática geral.** São Paulo: Ática, 1989.

PINTO, Álvaro Vieira. **Sete lições sobre educação de Adultos:** Introdução e entrevista de Dermeval Saviani e Betty Antunes de Oliveira: Versão final revista pelo autor. 14ª. Edição. São Paulo: Cortez, 2005.

ROSAS, Agostinho da Silva. **Criatividade em educação popular:** um diálogo com Paulo Freire. 2008. 401 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2008.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de Jovens e Adultos: teoria e prática**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

SEVERO, Gerson Egas. **Onze teses, uma suspeita e um “pode ser que...” sobre educação e ensino de história**. IN: VALÉRIO, Marion Escorsi; JÚNIOR, Halferd Carlos (Orgs.). *Ensino de História – Memória e Identidade*. Jundiaí: Paco Editorial, 2016.

SIGNORINI, Roney. **A Importância da Criatividade na educação em todos os níveis**. EduComunicação, 2016. Disponível em: <http://roneysignorini.com.br/site/2016/06/26/a-importancia-da-criatividade-na-educacao-em-todos-os-niveis/>.

SOBRINHO, José Amaral. **Plano decenal de educação para todos: perspectivas**. Em aberto, ano 13, n. 59, Brasília, 1994.

TORRE, Saturnino de la. **Dialogando com a criatividade, da identificação a criatividade paradoxal**. São Paulo: Mandras, 2005.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: plano de ensino-aprendizagem e projeto educativo**. São Paulo: Libertad, 1995.

_____. **Planejamento: Projeto de Ensino-Aprendizagem e Projeto Político-Pedagógico—elementos metodológicos para elaboração e realização**. 7ª ed. São Paulo: Libertad, 2000.